

O MISTÉRIO QUE DESAFIOU GERAÇÕES

ILHABELA E O TESOURO DA TRINDADE

3ª edição
(colorida)

JEANNIS MICHAÏL PLATON
SAINT' CLAIR ZONTA JÚNIOR
CLÁUDIO VIOLA

APOIO CULTURAL



<http://www.newpilotsrj.com.br/new-pilots/>

A *New Pilots* é uma empresa prestadora de serviços de praticagem do estado do Rio de Janeiro, fundada em maio de 2008, e realiza estes serviços a bordo de navios em todo litoral do estado, de Campos (Porto do Açu) até Paraty. Também é capacitada a prestar assessoria e consultoria em navegação, tráfego portuário, manobras de embarcações e/ou estruturas offshore, simulação de manobras, plano de rebocagem, dragagem e batimetria, dentro de padrões de qualidade, pontualidade e segurança que atendam às necessidades dos clientes e em conformidade com as leis que regulamentam a atividade de Praticagem, tais como as Normas da Autoridade Marítima (NORMAM), as Normas de Procedimento da Capitania dos Portos do Rio de Janeiro (NP-CP-RJ), as Normas de Segurança do Tráfego Aquaviário e da salvaguarda da vida humana no mar, e também os procedimentos para a preservação do Meio Ambiente e da Sociedade que com ele se relaciona, tudo de acordo com cláusulas definidas em contratos firmados junto aos diversos clientes.

Os autores de **ILHABELA E O TESOURO DA TRINDADE** especialmente agradecem o incentivo e apoio cultural da *New Pilots* para a publicação desta obra literária, tendo a certeza de que o fomento à cultura e ao desenvolvimento de uma mentalidade marítima são ações que fortalecem nossa sociedade.

Todos os direitos Reservados à
Jeannis Michail Platon & Saint' Clair Zonta Júnior
Rua José Nobre, nº 580
CEP 11.600-000 – São Sebastião / SP
Telefone Comercial: (12) 3892-1099
jeannis@terra.com.br / zontadpf@gmail.com

Colaboração Especial
Cláudio Viola
cmgeviola@gmail.com

Copyright © 2019 Jeannis Michail Platon & Saint' Clair Zonta Júnior

Projeto Literário (Texto e Seleção de Imagens)

Jeannis Michail Platon
Saint' Clair Zonta Júnior
Cláudio Viola

Imagem da Capa

The Buccaneers
Frederick Judd Waugh (1861-1940)

Revisão

Pricila Esteves de Almeida Gil
Camila Lopes Campolino

Diagramação: *Frôntis Editorial*

Jeannis Michail Platon
Saint' Clair Zonta Júnior
Cláudio Viola

ILHABELA E O TESOURO DA TRINDADE

O MISTÉRIO QUE DESAFIOU GERAÇÕES

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL) | |
| Platon, Jeannis Michail Ilhabela e o Tesouro da Trindade / Jeannis Michail Platon, Saint' Clair Zonta Júnior. São Sebastião, SP: Ed. do autor 2019. | |
| ISBN 978-85-87962-22-5 | |
| 1. Brasil, Litoral (SP e RJ) - Descrição 2. Brasil, Litoral (SP e RJ) - História 3. Brasil, Litoral Norte - Descrição e viagens 4. Relatos de Viagens 5. Relatos Pessoais I. Zonta Júnior, Saint' Clair. II. Título. | |
| 15-10743 | CDD-981.091461 |
| ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO: 1. Brasil: Litoral: Ilhabela: Descrição e história | |



3ª Edição 2019
São Sebastião/SP

Apresentação

Certamente *a busca pelo tesouro* sempre foi um sonho acalentado por muitos, embalado pelos filmes e histórias de piratas. Mas, quando o sonho se torna realidade ele pode nos surpreender, transformando a busca em uma jornada cujo final é simplesmente imprevisível!

Eu ainda estava em missão no exterior quando o Jeannis pediu-me que colaborasse com Saint' Clair na discussão de algumas questões de ordem técnica sobre interpretação de mapas e cartas náuticas. Apesar da distância, procurei ajudar naquilo que era preciso. Mas, foi somente após retornar ao Brasil, no final de 2013, que pude ter acesso ao conteúdo do extraordinário estudo que estava sendo realizado sobre o *Tesouro da Trindade*, com o qual passei a colaborar diretamente.

Como oficial da Marinha do Brasil tive a oportunidade de, como poucos, conhecer e estudar os assuntos relacionados ao mar e à história da navegação, incluindo-se nestes a pirataria e as histórias sobre tesouros perdidos. No entanto, para minha surpresa e grata satisfação, ainda não tinha lido nada que pudesse ser comparado ao que o leitor vivenciará nesta obra inédita.

A descrição dos fatos, a interpretação dos documentos, o descortinar de símbolos e enigmáticas pistas, as conclusões baseadas em sólidas evidências vão sendo revelados através de uma narrativa realista e envolvente, permitindo um mergulho profundo nesta empolgante aventura da vida real, onde o protagonista poderia ser qualquer um de nós.

***Comandante Cláudio Viola
Capitão de Mar e Guerra (RM1)
Marinha do Brasil***

Nota dos Autores

Ilhabela é o nome pelo qual ficou mundialmente conhecida a Ilha de São Sebastião, a maior das que integram o município-arquipélago de Ilhabela.

Banhada pelo Oceano Atlântico, ela está situada no litoral norte do estado de São Paulo, separada do continente pelo canal que também leva o nome da vizinha cidade de São Sebastião.

Conhecida por suas praias e natureza exuberante, ela é considerada a segunda maior ilha marítima do Brasil, com uma área de mais de 300 quilômetros quadrados. A maior parte do seu território é formada por uma densa floresta tropical, que permanece intocada.



Fig. 1 – Situando Ilhabela

Destino, Ilhabela

- *Saint' Clair, vê aquela trilha do lado esquerdo?* – perguntou-me Seu Alberto, fazendo suspense. Olhei-o com atenção e apenas balancei a cabeça afirmativamente. Ele continuou:

- *Bem ali, nos pedregulhos do chão, encontrei uma moeda “das antigas”, do tempo do império. Foi uma sorte, não acha?*

O lugar parecia bastante isolado, então balancei a cabeça novamente, mas não disse nada. Num relance, recordei-me das velhas moedas que meu avô João passara a vida colecionando. Uma paixão que queria transmitir aos netos, mas que não me despertara tanto interesse.

- *A maior parte desta ilha ainda é totalmente desconhecida!* – prosseguiu Seu Alberto, querendo puxar assunto, e enfatizou:

- *Já ouvi histórias de tesouros escondidos por aqui...* A maioria das pessoas pensa que são lendas, mas eu acredito que sejam reais!

Seu Alberto era tio-avô da minha namorada e dias antes fizera o convite para passarmos alguns dias em Ilhabela. Como vivíamos em uma cidadezinha do interior, nós estávamos muito animados com a oportunidade de visitar o litoral. Era o ano de 1987 e foi a primeira vez que estive em Ilhabela.

Assim que chegamos, fomos carinhosamente recebidos e a beleza do lugar nos encantou. Instalada no alto do Morro de Santa Tereza, a casa de Seu Alberto tinha uma enorme varanda voltada para o poente, o que permitia observar o Canal de São Sebastião em toda sua extensão. No quintal, enormes rochedos de superfície arredondada espalhavam-se pela encosta verdejante e formavam a paisagem típica da região. Completando aquele cenário pitoresco, um regato de águas cristalinas deslizava silenciosamente entre as pedras e seguia morro abaixo, passando pelo interior da propriedade. Intrigado com aquilo, logo depois de guardar minhas coisas fui andar pelos arredores e investigar de onde vinha o misterioso córrego. Meu anfitrião, sempre atencioso, decidiu acompanhar-me.

Depois de alguns minutos de caminhada, chegamos ao topo da encosta e ali paramos para descansar. A nascente do córrego deveria estar na base da montanha que se erguia lá adiante. De longe, o estreito veio d'água confundia-se com as sombras e parecia sumir na densa vegetação. Enquanto observava, percebi que havia um estranho silêncio no lugar. Não se ouvia o som dos pássaros, dos insetos ou de um sopro de vento. Nada, somente a voz de Seu Alberto soava distante, dissipando-se na imensidão.

- *Saint' Clair? Está tudo bem?* – perguntou-me Seu Alberto, preocupado.

- *Sim, sim, está tudo bem!* – disfarcei por um momento, tentando entender o que estava acontecendo comigo. Depois, dei alguns passos para reiniciar a caminhada, mas logo mudei de ideia:

- *Seu Alberto, vamos deixar para encontrar a nascente outra hora?* – perguntei-lhe em tom de súplica, pois minha voz quase não saiu. Senti como se estivesse sufocando. O ar parecia espesso e comecei a respirar com dificuldade. A sensação era assustadora e, embora não a compreendesse, pressentia que estava relacionada com minha presença naquele lugar. Seu Alberto, percebendo que havia algo de errado, concordou de imediato:

- *Ok! Depois nós voltamos para dar uma olhada!* Agora, vamos para casa, pois acho que você precisa comer alguma coisa!

Rapidamente fizemos o caminho de volta. Aos 22 anos de idade, minha saúde era a de um jovem atleta. Então, o que teria acontecido? Logo que chegamos, passei a me sentir melhor, mais aliviado e aquela sensação felizmente desapareceu. Contudo, não mais voltaria para procurar a nascente do córrego e muitos anos passariam até que eu pudesse entender o que realmente acontecera naquela estranha caminhada em Ilhabela.

Ao longo de pelo menos 300 anos, entre a metade do século XVI e o final do século XIX, Ilhabela foi considerada um refúgio para corsários e piratas. Uma fama que provavelmente lhe seria atribuída a partir das indesejáveis visitas do corsário inglês Thomas Cavendish à costa do Brasil, pois suas ações ganharam destaque na história da navegação mundial. Assim, não demoraria muito para que Ilhabela fosse inserida em todos os mapas daquela época, tornando-se escala quase obrigatória para as expedições que rumavam em direção ao Pacífico, oferecendo abrigo seguro para o abastecimento e reparo de suas embarcações.

Quando a presença de flibusteiros¹ na costa brasileira começou a se intensificar, Portugal deu início à criação de um sistema de defesa para proteger o Canal de São Sebastião. Assim, já no início do século XVII pequenos fortes e trincheiras começaram a ser instalados, mas somente muito tempo depois é que as primeiras fortificações oficiais ficaram prontas. Posicionados às margens do canal, oito desses fortes formavam o seu aparato defensivo, sendo quatro erguidos do lado da Ilhabela e quatro do lado do continente.

1 **Flibusteiro** é o pirata do mar, saqueador, ladrão, aventureiro.

Presumindo-se que esse porto oferecia estrutura adequada para receber embarcações de várias procedências, mas que não pertencia ou não estava sob a administração do governo da Colônia, de forma a suscitar a instalação de fortificações oficiais também para protegê-lo, quem seriam, então, os seus responsáveis ou organizadores?

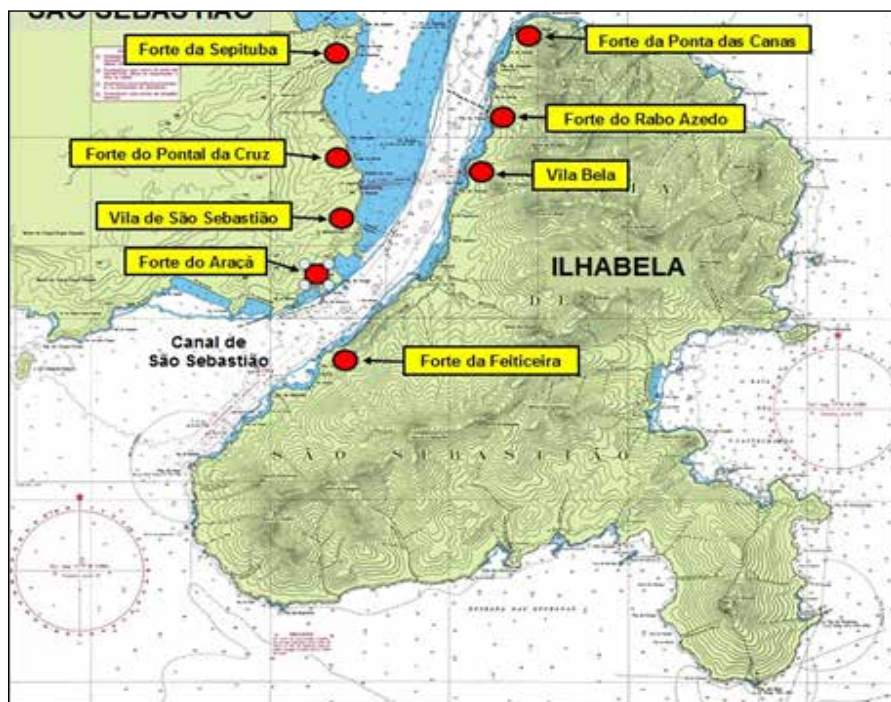


Fig. 2 - Posições oficiais de defesa no Canal de São Sebastião.

No entanto, ainda que o Canal de São Sebastião estivesse protegido, não encontramos registros da construção de quaisquer fortificações oficiais que tivessem por objetivo defender o outro lado da Ilha, voltado para o Atlântico. E isso parece não fazer muito sentido, pois, ainda que não se saiba exatamente o que ocorria naquela região, conhecida como Baía de Castelhanos, sabe-se que lá havia um porto, denominado Porto dos Castelhanos (ou de Castelhanos). E, embora não se tenha qualquer informação oficial a esse respeito, a existência desse porto está claramente registrada em antigos mapas dos séculos XVII e XVIII, onde ele aparece em destaque muito antes de qualquer menção à Vila de São Sebastião ou ao povoado que já existia em Ilhabela.



Fig. 3 - Mapa de 1631 registra o Porto dos Castelhanos voltado para o Atlântico



Fig. 4 - Mapa de 1766 - Outro registro do Porto de Castelhanos

Presumindo-se que esse porto oferecia estrutura adequada para receber embarcações de várias procedências, mas que não pertencia ou não estava sob a administração do governo da Colônia, de forma a suscitar a instalação de fortificações oficiais também para protegê-lo, quem seriam, então, os seus responsáveis ou organizadores?

Devidamente abrigado dentro de uma baía, o Porto de Castelhanos era um local estratégico na costa leste de Ilhabela. E se ali existia uma organização paralela, que possuía regras próprias para sua proteção e não estava submetida ao mando dos portugueses, certamente o porto era usado como base de

operações clandestinas. Sendo assim, e como resultado dessa aparente neutralidade, a presença de traficantes de escravos, contrabandistas ou mesmo corsários e piratas deveria ser constante naquele lugar. Mas, isso bastaria para afirmar que tesouros estivessem escondidos por ali?



Fig. 5 - Peça de artilharia encontrada na Baía de Castelhanos. Vestígio de possíveis fortificações clandestinas

Durante muito tempo acreditou-se que o corsário inglês Thomas Cavendish tivesse enterrado em Ilhabela um valioso tesouro, mas o relato de sua aventura mal sucedida pela costa brasileira, assim como seu testamento, escrito pouco antes de sua morte em 1592², aparentemente descartam essa possibilidade.

Posteriormente, já no final do século XIX, outra história sobre um misterioso tesouro ganharia destaque. Segundo ela, em 1821, antes de entregarem Lima, capital do Peru, às tropas revolucionárias do General San Martín, os espanhóis haviam retirado de lá enorme fortuna em ouro e pedras preciosas, fugindo em um navio que acabou caindo nas mãos de piratas. Depois de matarem passageiros e tripulantes, os flibusteiros teriam navegado



Fig. 6 - Thomas Cavendish

² Livro *O corsário de Ilhabela. O manuscrito do corsário Thomas Cavendish que em 1591 se refugiou em Ilhabela e saqueou a vila de Santos.*

por uma rota desconhecida até chegarem a uma misteriosa ilha, local onde teriam escondido o fabuloso saque. Desde então, houve muita especulação sobre a real existência dessa ilha e qual seria sua verdadeira localização, sendo que uma das hipóteses mais conhecidas apontava para a distante Ilha da Trindade, na costa do Brasil. Porém, novos acontecimentos revelariam que o famoso esconderijo poderia estar bem mais perto do que se imaginava.

A história desse tesouro, como a conhecíamos, teve início quando dois documentos, um mapa e um roteiro (manuscrito), surgiram em lugares e momentos distintos fazendo alusão a um grande tesouro que estaria escondido na Ilha da Trindade. Curiosamente, as circunstâncias que envolviam o aparecimento desses documentos também indicavam que seus autores eram velhos piratas e, particularmente no caso do mapa, seu portador teria revelado que no local ali desenhado estariam guardadas as tais riquezas pilhadas do Peru, em 1821. Foi, então, a partir da divulgação desses fatos, que a história do tesouro da Ilha da Trindade se tornou mundialmente conhecida, mobilizando inúmeros esforços na tentativa de localizá-lo.



Fig. 7 - General San Martín



Fig. 8 - O tesouro escondido.

Mas, foi somente em 1949 que um dos seus mais notáveis pesquisadores, o engenheiro belga Paul Ferdinand Thiry, formulou a hipótese de que a ilha mencionada naqueles documentos era na verdade Ilhabela e não a Ilha da Trindade, como se acreditava. Baseando-se nas conclusões de seu estudo, ele desencadearia uma busca sem precedentes, inserindo Ilhabela na história daquele que ficou conhecido como o Tesouro da Trindade.

Conhecendo a história

O ano de 1987 marcou profundamente minha vida. Logo depois que voltei de Ilhabela, abandonei a Faculdade de Arquitetura para cursar Ciências Jurídicas, agora pretendendo atuar na área da segurança pública. Isso mudou completamente meus planos para o futuro. Desde então, fizera inúmeras tentativas de ingressar no serviço público estadual, conquistando minha primeira investidura em 1991. Anos depois, em 1997, aprovado na esfera federal, escolhi uma vaga para trabalhar em uma cidade do litoral, São Sebastião. Naturalmente me lembrava da visita que fizera a Seu Alberto 10 anos antes, acreditando que eram as boas recordações que me atraíram para aquela região. Telefonei, então, para ele e ali me hospedei mais uma vez, enquanto procurava uma casa para alugar. Animado, disse-lhe que agora estava planejando morar em Ilhabela. Embora essa fosse a ideia inicial, passados alguns dias sem conseguir encontrar um lugar adequado resolvi me instalar em uma pequena casa na Praia das Cigarras, do outro lado do canal, em São Sebastião. De aspecto simples e acolhedor, minha nova morada ficava à beira-mar e também tinha uma pequena varanda voltada para o canal, um espaço acolhedor onde costumava descansar admirando os contornos de Ilhabela estampados no horizonte. E foi em um desses momentos que conheci a história do Tesouro da Trindade.

Era manhã de domingo, dia 18 de janeiro de 1998. Como queria consultar alguns anúncios comprei um exemplar do jornal Folha de São Paulo. Mas foi outra reportagem chamou minha atenção – era sobre o advogado de São Sebastião, Dr. Osmar Soalheiro, que há 36 anos procurava um tesouro escondido em Ilhabela. A surpreendente história aguçou minha curiosidade e reli aquele texto várias vezes, sentindo que uma força misteriosa me impulsionava. Por alguns instantes, imaginei-me fazendo parte daquela inusitada aventura em busca do tesouro. Tal era a minha empolgação que já não podia esperar nem mais um minuto. Precisava falar com aquele advogado. Imediatamente,

procurei seu telefone e liguei, marcando uma entrevista para a tarde do mesmo dia.

Advogado procura 'tesouro' há 36 anos

Fig. 9 - Jornal Folha de São Paulo – 18 de janeiro de 1998

Durante aquela visita, Soalheiro logo percebeu que meu interesse ia além de uma simples curiosidade e, depois de responder algumas de minhas perguntas, pediu que me acomodasse no sofá e que o ouvisse com muita atenção, pois iria me contar sobre seu encontro com o engenheiro belga Paul Ferdinand Thiry, em 1961, e também como a história do Tesouro da Trindade chegara em Ilhabela. Tudo, segundo ele, tinha começado muito tempo atrás, em 1939.

Paul Ferdinand Thiry viera para o Brasil ainda criança. De família tradicional na Bélgica, engenheiro autodidata, em 1939 ele estava trabalhando para o governo brasileiro quando uma série de reportagens publicada no jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, chamou sua atenção. Segundo noticiaram, dois tenentes da Marinha do Brasil estavam realizando pesquisas em uma das ilhas do litoral fluminense, pois acreditavam que ali havia um tesouro escondido. Tais reportagens revelaram o desenho de um mapa, cujo original fora encontrado na Índia nos idos de 1850 e, também, o texto de um roteiro, baseado em um manuscrito inglês que surgira no Brasil em meados de 1880. Esses dois documentos faziam referência à existência de um tesouro escondido na Ilha da Trindade, mas que, agora, os tenentes acreditavam estivesse em outra ilha. Acompanhando essas publicações, em princípio Thiry ficou surpreso com a possível existência de tesouros escondidos em uma daquelas ilhas. No entanto, depois de analisar o conteúdo do roteiro que fora publicado, ele viu ali o que parecia ser um texto cifrado, talvez em código, e então deu crédito àquilo que lhe parecia um elaborado problema matemático. Despertada sua curiosidade, ele decidiu pesquisar o assunto e, quem



Fig. 10 - Paul Ferdinand Thiry

sabe, decifrar aquele enigma. Então, procurou os tais oficiais da Marinha para obter algumas informações e deu início aos seus estudos.

Segundo a história contada pelo tal jornal, o mapa e o roteiro apresentados indicavam o local onde estaria escondida parte do grande tesouro retirado do Peru em meados de 1821. Então, inicialmente, Thiry pesquisou esse assunto e também a história daquele período, chamando sua atenção o fato de que na França muitos adeptos do bonapartismo haviam sido perseguidos e trancafiados em masmorras. E foi em uma dessas prisões, conhecida como *Castelo D'If*, localizada na Baía de Marselha, que o escritor Alexandre Dumas teria colhido depoimentos de presos para escrever seu famoso livro *O Conde de Monte Cristo*, publicado a partir de 1844. Em uma das visitas à masmorra do *Castelo D'If*, Dumas teria conhecido um certo Abade Faria que lhe contara sobre um fabuloso tesouro que fora escondido com sua ajuda. Thiry confrontou o romance de Alexandre Dumas com a história da revolução peruana de 1821 e notou algumas semelhanças significativas, tais como nomes, datas e a menção a um grande tesouro. O livro de Dumas mencionava os personagens Abade Faria, um rico banqueiro e também uma dama de nome Mercedes, noiva do marinheiro Edmond Dantes, aquele que se tornaria *O Conde de Monte Cristo*. Coincidentemente, o General José de San Martín, personagem histórico ligado ao tesouro retirado do Peru, durante seu exílio na Europa ficara hospedado na casa de um amigo que era banqueiro e, além disso, o nome de sua única filha também era Mercedes.

Diante dessas coincidências, Thiry resolveu descobrir se a história de Dumas era fictícia ou real, porém romanceada. Escreveu a uma sobrinha brasileira, professora residente na França, e lhe pediu que fosse ao tal castelo saber se aquele prisioneiro realmente existira. A resposta confirmou a existência do Abade Faria. Para ele, agora, parecia haver elementos suficientes para admitir que o tesouro mencionado no livro de Dumas tivesse ligação com aquele da história peruana. Primeiro, o tesouro existira com os espanhóis; segundo, o Abade Faria existira; e, terceiro, os personagens Mercedes e o rico banqueiro, embora fictícios no livro, também existiram na vida real. Diante dessas semelhanças, Thiry levantou a hipótese de que Alexandre Dumas poderia ter escrito seu livro baseando-se em narrativas históricas e fatos reais, e o Tesouro da Trindade poderia ser o mesmo que ilustrou o romance *O Conde de Monte Cristo*.

Continuando a pesquisa, Thiry passou a analisar minuciosamente o roteiro publicado no jornal. Intrigado, deteve-se na frase *uma ilha chamada Trindade a 647 milhas da costa do Brasil*, logo no início do texto. A lógica dizia que o autor deveria ter escrito na Ilha da Trindade, pois ao usar a expressão chamada Trindade ele parecia encaminhar o intérprete a outro lugar, que poderia não ser a verdadeira Ilha da Trindade. Para confirmar essa possibilidade, Thiry comparou a distância informada no roteiro com a distância oficial da costa do Brasil até a Ilha da Trindade, encontrando uma diferença de muitas milhas. Por que alguém em sã consciência faria um registro com tamanho erro de localização? Parecia-lhe, então, que a finalidade daquela descrição era despistar a localização real do esconderijo, e para encontrá-lo seria preciso decifrar todo o conteúdo do texto.

O roteiro publicado dizia o seguinte:

O tesouro está escondido numa ilha chamada Trindade a 647 milhas da costa do Brasil, em 2 lugares distintos: no primeiro existe ouro em pó, em barras, em moedas de diversos países, bem como pedras preciosas de grande valor. O valor deste depósito pode ser calculado em 5 milhões de libras. O outro depósito, posto que maior, não tem tanto valor e consta de obras artísticas em ouro e prata, além de 63 barras de prata maciça, com as dimensões de 6x2x4 polegadas, fruto de muitos anos de pirataria. O depósito mais rico acha-se perto da cascata. Ao lado esquerdo desta, distante 3 pés da grande pedra, a segunda pedra fica num ângulo de 32 ao lado do sudoeste, existe uma cavidade fechada, porém, que poderá ser facilmente aberta, dentro da qual se encontram 19 volumes de grande valor e diferentes tamanhos. Outro depósito se acha na baía sul, no extremo leste da ilha ao lado norte do pão-de-açúcar, debaixo da pedra central das 5 aí existentes. A cascata está situada ao lado sul da ilha, a cerca de 2,5 da extremidade oeste a curta distância da praia. É fácil encontrá-la porquanto fica abaixo de uma depressão na cadeia de montanhas que formam o fundo da paisagem, tendo em frente o melhor local para fundear ao lado sul, apesar de exposto a todos os ventos que daí sopram. Na baía do extremo sul, uma escuna encontra seguro ancoradouro, mesmo perto da praia, em qualquer tempo, podendo com pouco trabalho e alguma perícia, encalhar as suas embarcações. Existe aí um canal perto do pão-de-açúcar, que se distingue de uma culminância rochosa que passa entre esta e 2 ilhas de pedras do lado do pão-de-açúcar. Há 5 grandes pedras assinalando o tesouro que estão acima da entrada da gruta, que fica a 5 graus e 30 minutos a noroeste do pão-de-açúcar. Ao avistar-

se a ilha do sul uma depressão na cadeia de montanhas facilmente chama a atenção e, na embocadura do córrego, pode-se encaixar uma embarcação com segurança. Os 19 volumes constam de: 11 barris cheios de moedas, 2 grandes caixas abertas contendo 81 pequenas barras de ouro, 1 armação de relógio cheia de jóias, 12 saquinhos para chumbo amarrados e lacrados contendo pedras preciosas, 1 caixa de chá cheia de jóias desmontadas e 2 caixas de folhas cheias de ouro em pó. Quanto ao outro depósito o esconderijo está situado dentro da grota, e consta de 3 grandes quartos cortados no terreno duro e atravessando a grota; ao rumo de 5 graus e 30 minutos a noroeste e na distância de 300 jardas encontram-se as 5 pedras, das quais a central repousa sobre as outras 4 e formam um quarto de 3 lados. A entrada está do lado oeste e todos os volumes de tamanho avantajado, se acham escondidos nesse paiol, empilhados uns sobre os outros dentro de barricadas, barris, caixas e caixões, que ocupam quase todo o espaço do quarto. Seu valor artístico é incalculável, sendo seu valor intrínseco de cerca de 3.000.000 de libras. Numa lata redonda existem documentos de depósitos que somente têm valor para os seus legítimos donos e que presentemente aproveitam ao Banco da Inglaterra. O tesouro não será encontrado sem esta descrição.

Para Thiry, os números que no roteiro expressavam valores e dimensões eram dados matemáticos de localização do tesouro e, portanto, deveriam ser aplicados no mapa. Assim, decifrar o enigma também envolveria conhecimentos de geometria e trigonometria. Partindo desse pressuposto, ele desenvolveu uma hipótese que incluía a aplicação de triângulos com uso da planimetria³. A montagem geométrica que criou no papel salientava as formas descritas no roteiro, convencendo-o de que sua interpretação estava correta. Para ele, a grota, o canal e a cascata mencionados deveriam existir no local do esconderijo, porém a certeza só poderia vir com a pesquisa in loco, quando descobrisse a qual ilha da costa brasileira se referiam aqueles documentos.

Estudando o desenho do mapa, Thiry procurou outras referências geográficas que pudessem indicar a localização da ilha, além da palavra TRINDADE que ali aparecia, pois o formato do desenho não coincidia com o da Ilha da Trindade no litoral brasileiro. Então, notou que no mapa também havia a inscrição *G Bay* inserida dentro de um trapézio invertido. Algo lhe dizia que aqueles eram dados de localização. A inscrição poderia significar

3 **Planimetria** é a parte da topografia que estuda os métodos e procedimentos para representar a escala e os detalhes do terreno projetados sobre um plano ou superfície horizontal.

Guanabara Bay (Baía de Guanabara), já que o roteiro fazia menção a um pão-de-açúcar⁴. Mas, se era na Baía de Guanabara, em qual de suas ilhas seria? Thiry analisou todas as ilhas daquela baía nos mapas da região e, observando o formato de cada uma, descartou essa possibilidade. Poderia ser *Grande Baía*, então, o *G* de *Great Bay* ou Grande Baía? Mas qual das centenas de baías existentes na costa brasileira? A resposta que ele buscava chegaria 10 anos depois.

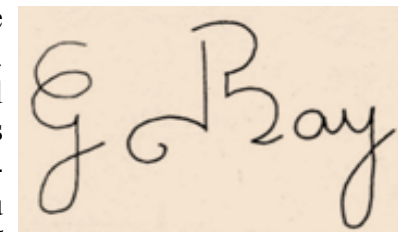


Fig. 11 - Inscrição "G Bay"

O ano era 1949. Depois de tanto tempo, Thiry já memorizara todos os detalhes do mapa e também do roteiro. Certa noite, deitado em sua cama, estava concentrado nas letras da inscrição *G Bay* com o pensamento fixo de que deveria haver algo mais ali. Visualizou o formato de cada uma delas, a posição, os contornos e, de repente, algo aconteceu. Seriam números? Levantou-se e correu para a prancheta. Ao acender a luz, com ela iluminou-se a solução. Sim, ali estava a localização da ilha. Nas linhas que formavam a letra B da palavra Bay ele viu quatro números desenhados: 2, 3, 5 e 2. Possivelmente aquela seria a indicação de uma latitude⁵: 23° 52' (23 graus e 52 minutos). Mas, existiria uma ilha situada nessa coordenada? A resposta teria de esperar até o dia seguinte. Ansioso pelo que viria, Thiry passou *A Noite* acordado. Logo que o dia amanheceu, foi ao Ministério da Agricultura em busca de uma carta náutica.

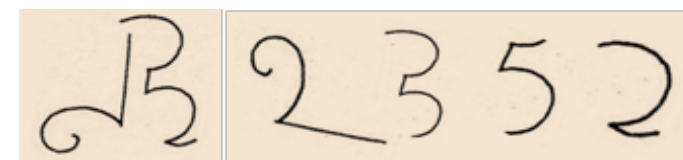


Fig. 12 - A letra B e os números 2, 3, 5 e 2 nela contidos

Cercado pelos colegas, que conheciam sua dedicação àquele estudo, Thiry pegou a carta náutica e traçou a coordenada sobre o plano geográfico.

- 4 **Pão-de-açúcar** é um relevo característico em que a rocha nua fica exposta como grande monólito em forma de um seio feminino ou de um pão-de-açúcar feito de beterraba.
- 5 **Latitudes** correspondem às linhas horizontais paralelas à linha do Equador, formando círculos ao redor do globo terrestre, e ficaram conhecidas a partir do século XVI com a projeção de Mercator. A partir da linha do Equador, que é o paralelo 0°, são marcadas as latitudes ao norte, que vão de 0° a 90°, e as latitudes ao sul, também de 0° a 90°. **Longitudes** correspondem às linhas verticais, perpendiculares ao Equador. A partir do meridiano de Greenwich, considerado o marco 0°, são marcadas as longitudes a leste, que vão de 0° a 180°, e as longitudes a oeste, também de 0° a 180°.

co da costa do Brasil. Fascinado, observou que a linha passava exatamente sobre uma ilha situada no litoral norte do estado de São Paulo. Era Ilhabela. Buscou, agora, um mapa da referida ilha e constatou que ela possuía um perímetro de mais de 100 quilômetros, além de duas grandes baías, centenas de cascatas e um longo canal que a separava do continente. Impaciente, tentou encaixar o desenho do mapa do tesouro sobre a topografia, mas a imensidão da Ilha dificultava uma solução de imediato. Pediu emprestado o mapa, pois precisava estudá-lo com cuidado. Voltando à prancheta, rememorou que o G da inscrição *G Bay* poderia levar à palavra “grande” e então analisou as duas grandes baías da ilha, a de Castelhanos e a das Enchovas, comparando-as com o desenho do mapa, mas os contornos pareciam não se encaixar. No entanto, dentro da Baía de Castelhanos, despertaria seu interesse uma formação próxima ao paralelo $23^{\circ} 52'$, chamada Ponta do Costão, que lhe pareceu um pão-de-açúcar topográfico, além de uma pequena enseada conhecida como Saco do Sombrio.

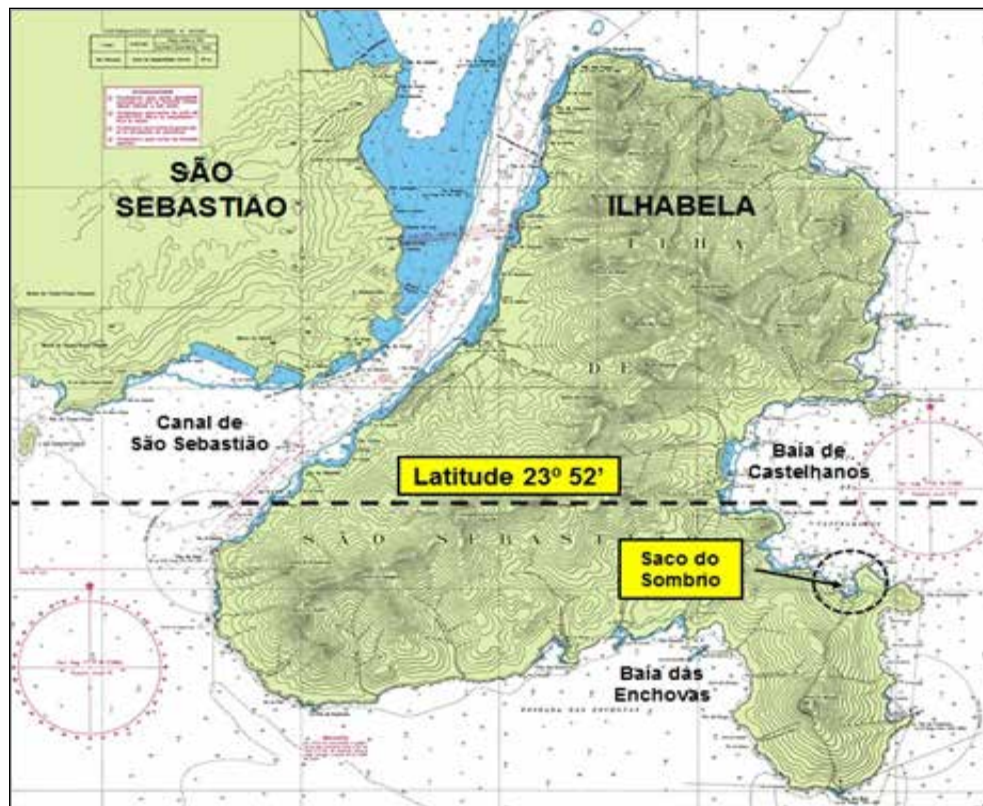


Fig. 13 - O Saco do Sombrio dentro da Baía de Castelhanos

Analisando cuidadosamente toda aquela região, Thiry previa que seria muito trabalhoso aplicar os triângulos na topografia circunscrita entre Castelhanos e Enchovas, com uma circunferência de uns 20 quilômetros. O triângulo maior, encontrado em seus estudos, teria como base os extremos das duas baías, nas Pontas do Diogo e do Costão. Para o engenheiro, as pontas nas quais o triângulo iria se basear eram a chave do enigma, pois, se qualquer um dos pontos geométricos caísse no mar, a solução se complicaria. Dentro desse triângulo estava a região do Saco do Sombrio, que seria o provável local do esconderijo do tesouro. Mas, para descobrir se isso era verdade ele teria que ir até lá.

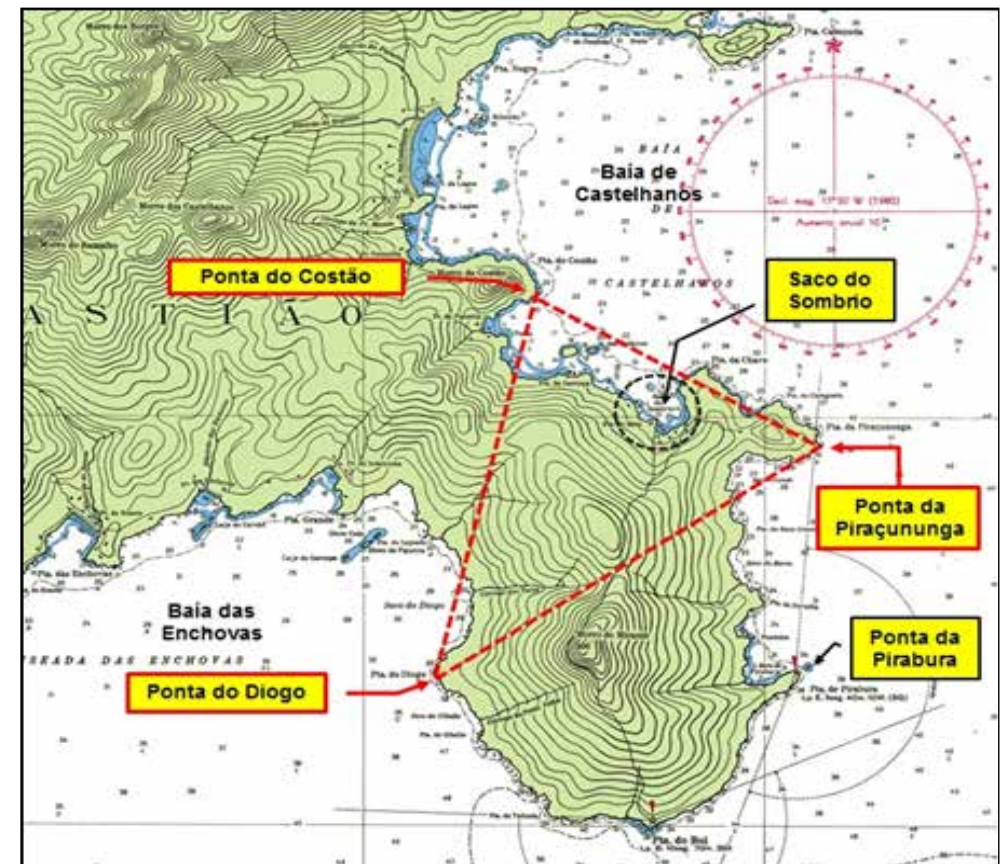


Fig. 14 - O “Grande Triângulo” - Pontos que levariam ao tesouro

Construindo em pensamentos o local a ser pesquisado, Thiry buscava uma solução, pois não possuía recursos próprios para financiar uma expedição. Além disso, Ilhabela estava distante de sua casa. E mais, o lugar chamado